



Boletim do Museu Paraense Emílio
Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi
Brasil

Hilbert, Klaus

Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 4, núm. 1, enero-abril,
2009, pp. 133-154

Museu Paraense Emílio Goeldi
Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394034986012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**Uma biografia de Peter Paul Hilbert:
a história de quem partiu para ver a Amazônia**
*A biography of Peter Paul Hilbert:
a history of someone who went out to see the Amazon*

Klaus Hilbert¹

Resumo: Essa biografia conta a história do meu pai, Peter Paul Hilbert (1914-1989), arqueólogo do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, que entre 1948 e 1961 pesquisou no médio rio Amazonas. Ele procurava contar histórias sobre os moradores que viviam às margens do rio e suas culturas por meio de uma arqueologia que privilegiava a relação entre pessoas, bem como entre pessoas e o ambiente tropical.

Palavras-chave: Arqueologia. Amazônia. Peter Paul Hilbert (1914-1989).

Abstract: This biography counts the story of my father, Peter Paul Hilbert (1914-1989), archaeologist of the Museu Paraense Emílio Goeldi, in Belém, Brazil, who, between 1948 and 1961, researched in the Middle Amazon. He wanted to tell stories about inhabitants who lived in the river banks and its cultures by developing an archaeology which privileged the relation between people, as well as between people and tropical environment.

Keywords: Archaeology. Amazonia. Peter Paul Hilbert (1914-1989).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil (hilbert@pucrs.br).

*Nur manchmal schiebt der Vorhang der Pupille
Sich lautlos auf -. Dann geht ein Bild hinein,
Geht durch der Glieder angespannte Stille –
Und hört im Herzen auf zu sein.
Rainer Maria Rilke¹*

Estava na hora de lembrar e de escrever sobre Peter Paul Hilbert (Figura 1), meu pai, e, por esse motivo, agradeço a Lúcio Menezes Ferreira, organizador desse número especial do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, que me convidou e incentivou a abrir uma gaveta das lembranças, de folhear os diários, de ler as cartas, decifrar as ligeiras anotações feitas a lápis, olhar as fotos, os desenhos e croquis, recapitular frases e escavar nos sedimentos de antigas conversações. Minha gaveta de lembranças não é um arquivo organizado em ordem alfabética ou cronológica. Às vezes, há camadas estratigráficas sucessivas; em outros momentos, a ordem parece invertida e perturbada, uma situação verdadeiramente arqueológica. Ao mexer, escavar nos papéis, nas fotos, nos bilhetes, a seqüência é constantemente alterada. Coisas que durante muito tempo estavam no fundo, no sótão das memórias, emergem, insistem em permanecer na superfície; outras desaparecem, se dissolvem entre os papéis amarelados, confundem-se com as palavras e com as imagens. Cada vez que retiro uma lembrança, um desenho, uma anotação, uma carta, uma foto da gaveta, adquiro um ingresso a uma viagem, visito um amigo, troco idéias com um colega do meu pai, um parente ou com um desconhecido, e ainda estabeleço monólogos. E logo percebo que o antigo dono e criador dessas coisas, meu pai, gostava de instigar e fixar suas memórias por meio das palavras escritas e das imagens.

Esse texto contém depoimentos pessoais. Por esse motivo, não tenho certeza se o organizador e os editores do Boletim imaginaram um capítulo sobre o arqueólogo Peter Paul Hilbert, que entre 1948 e 1961 atuou no Museu Paraense Emílio Goeldi, da forma como vou apresentá-

lo. Mas eu, como seu filho, tenho certeza de que não poderia fazer diferente.

Meditei e demorei muito para escrever o texto, por motivos óbvios. Mas, depois que abri a gaveta de memórias, tudo foi muito rápido, e a escrita se desenvolveu facilmente. Escrevi essa biografia em poucos dias. Em seguida, apenas conferi algumas datas com minha mãe, com meu irmão, pesquisei alguns dados na internet, mas a narrativa como um todo sofreu poucas alterações, justamente para manter o caráter de espontaneidade e de descontração, o que deve ter agradado a meu pai, pois ele gostava de coisas claras e, ao mesmo tempo, complicadas.

Logo no início, naquela fase de incerteza diante da palavra e quando a forma e o estilo da narrativa estão sendo definidos, fiquei em dúvida sobre como evitar exaltações, exageros ou simplificações ao falar do meu pai. Como contornar as armadilhas das atribuições estereotipadas, das emoções referidas e recicladas, que o vocabulário tradicional nos oferece? Como dizer as coisas dentro dos conformes e, ao mesmo tempo, fora deles? E, principalmente, como evitar o sofá do Dr. Freud, como me proteger da escuridão do confessional, como escapar do apedrejamento em praça pública ou da crítica dos parentes? A saída provisória que encontrei para esse dilema foi ativar minhas próprias lembranças. O leitor vai dizer – e com razão – que depois dessa decisão, definitivamente, não consegui escapar de uma sessão intensiva com Sigmund e de curtir seu sofá. Mas, foi o risco que assumi, desde o início, quando concordei com Lúcio em escrever esse texto. Pois, estava na hora de pensar e de escrever sobre Peter Paul Hilbert, meu pai.

Recorrer às lembranças para pensar em uma pessoa tem suas vantagens, pois ninguém tem memória completa, temos apenas resíduos e traços de memórias. Além do mais, eu estou na posição privilegiada de poder selecioná-las, eu posso misturar eventos, flexionar

¹ “De vez em quando o fecho da pupila / se abre em silêncio. Uma imagem, então, / na tensa paz dos músculos se instila / para morrer no coração.” A Pantera. (no *Jardin des Plantes*, Paris). Novos Poemas, 1907.

dimensões de tempo e de lugares, posso confundir ações e sensações próprias com as dos outros personagens da minha memória. Em primeiro lugar, escrevo para ler, não, necessariamente, para ser lido.

Acredito, hoje, que uma das principais características do meu pai era sua capacidade de construir personagens e vivê-los. Ele tinha uma fantasia exuberante. Não sei se não entrei, agora, em uma dessas armadilhas às quais me referi anteriormente, mas é verdade. Essa fantasia protegeu sua alma frágil na infância, o manteve vivo durante a guerra e o ajudou, nos primeiros anos depois do nosso retorno à Alemanha, a superar as dificuldades econômicas e a criar fortes laços de identidades familiares. Meu pai foi de uma família de atores. Minha avó paterna me contou, certa vez, que um de seus parentes era acrobata de circo. Nosso tio Georg Hilbert era do teatro. Durante quarenta anos, ele atuou no teatro da cidade de Colônia. Era um ator famoso. Foi com ele – quem sabe ao observá-lo no palco e ao imitar suas encenações, repetir seus gestos – que meu pai adquiriu e desenvolveu essa habilidade, esse talento para trocar de personagens sem perder a si mesmo. Uma vez, eu me lembro bem, ele se disfarçou de vendedor de tapete, bateu na porta da nossa casa, minha mãe abriu e ele logo forçou sua entrada na casa, ignorando completamente minha mãe, que tentava se livrar, aos gritos, desse vendedor impertinente. Só quando o falso vendedor já estava no meio da sala desenrolando um tapete velho, foi que ela percebeu quem era o intruso. Meu irmão Hans herdou essa capacidade de entreter as pessoas com mímica e acrobacia.

Durante sua vida, meu pai aceitou ser chamado por diferentes nomes. Esses nomes marcam diferentes épocas da sua vida e, evidentemente, diferentes personagens. Minha mãe costumava chamá-lo de Peter. Para seus irmãos e para os amigos antigos, ele era Paul. Nós, crianças, o chamávamos, carinhosamente, de “Papi”, como é costume entre os filhos de alemães. Só depois que entrei

na Faculdade, depois de trabalharmos juntos na Amazônia, em 1975, comecei a chamá-lo de Peter Paul, como se fosse uma citação bibliográfica, pois ele costumava assinar seus trabalhos assim. Foi uma maneira respeitosa para não dizer “Herr Professor”. Logo depois, meu irmão também adotou essa fórmula acadêmica camuflada, íntima e, ao mesmo tempo, respeitosa para se dirigir ao nosso pai, enquanto minha irmã, Marianne, sempre manteve o tradicional “Papi”. Se me lembro bem, para sua mãe, nossa “Oma Netta” (Katharina), ele era “Piterchen”, carinhosamente Pedrinho. “Oma Netta” viveu até os 92 anos, em Porz. É, até hoje, uma cidade de soldados, casernas e tavernas à margem direita do Reno, no lado oposto da cidade de Colônia. O pai da “Oma Netta” era dono de uma dessas tavernas freqüentadas pelos soldados. Os dedos de suas mãos eram tortos de artrose – contava que era de tanto lavar copos e roupa em água fria. Era uma mulher forte, fisicamente e mentalmente, que criou os três filhos sozinha, depois da separação de seu marido, Herrmann, um funcionário público do jeito prussiano, que deixou poucos vestígios na minha gaveta de lembranças. Recordo apenas de uma foto que mostrava um homem magro, em uniforme da *Wehrmacht*², em uma estação de trem, provavelmente em Berlim, com olhos melancólicos e ausentes. Não se falava muito dele.

Sobre o período da vida de Peter Paul após o divórcio de seus pais, tenho poucos registros. É uma pena, pois agora percebo que se tratou de uma fase muito importante. Muitas coisas confluíram nos anos em que Peter Paul foi para Berlim, onde completou o ensino médio. Mesmo assim, tentarei interligar comentários, fotos e histórias contadas entre os adultos, histórias contadas em segredo e, ao mesmo tempo, em público, quando os adultos pensavam que as crianças não estavam ouvindo. Que engano! Meu irmão Hans e eu sempre estávamos atentos e quietos como ratinhos nos cantos da sala, enquanto os adultos conversavam. Principalmente depois

² Força armada alemã.

de algumas taças de vinho, quando os amigos do nosso pai evocavam as memórias dos velhos tempos, ressuscitando os personagens das suas épocas, recuperávamos alguns fragmentos da identidade e da personalidade do pai.

Os fragmentos que agora procuro recuperar são arqueológicos, são estilhaços, são cacos e fiapos. Lembro-me de que, na véspera de um Natal, demorei um bom tempo empacotando um presente para a festa, e no final a embalagem ficou um lixo. Peter Paul embrulhou um livro, presente para a minha irmã, rapidinho. Dobrou as pontas, virou o livro, passou a fita, amarrou e pronto. Tudo em trinta segundos. Que habilidade! “Aprendi quando era empacotador em uma editora”, comentou.

Em Berlim dos anos 1930, convergiam pessoas, situações, acontecimentos e emoções. Trabalhando como estagiário na editora Ludwig Voggenreiter, em Potsdam, a partir de 1932, Peter Paul encontrou novas pessoas e fez amigos com os quais compartilhava as mesmas idéias, a mesma paixão, a mesma vontade de ler, ver e sonhar com outros mundos. Essas amizades, em suas diversas manifestações, o acompanharam durante toda a vida, como, por exemplo, Heiner Rothfuchs, o jovem desenhista e ilustrador de livros, Fritz Hintze, que se tornou um dos mais importantes egiptólogos da República Democrática da Alemanha e professor da Universidade de Humboldt, em cuja casa Peter Paul viu, pela primeira vez, um exemplar do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, ou o artista plástico Dietrich Evers. Outro ciclo de relações e de amizade abriu-se para meu pai quando ingressou no movimento de juventude *Deutsche Jungenschaft 1.11*, fundado em 1º de novembro de 1929 por Eberhard Köbel (Tusk), membro do Partido Comunista. Os jovens associados ao DJ.1.11 se diferenciaram dos outros movimentos de jovens, como dos *Wandervögel*, ou dos escoteiros em geral, não apenas por sua orientação política socialista, mas por sua maneira de ser e estar no mundo. Os novos jovens do movimento DJ.1.11 queriam ser completamente independentes. Tudo o que um jovem desse movimento aspirava ser deveria ser conquistado. Pretendia-se criar algo novo e não

apenas repetir, imitar aquilo que já existia. Na música, nos textos, na poesia, na forma de se vestir, de se expressar, o movimento orientava-se, por um lado, pela estética da modernidade, mas, ao mesmo tempo, evocava um sentimento romântico direcionado às culturas e aos países nórdicos e bálticos. Entretanto, em 1933, a maioria dos movimentos de juventude independentes chegou ao fim com a fundação da *Hitlerjugend* (Juventude de Hitler). Eberhard Köbel foi preso pela *Gestapo*, em 1934, e o DJ.1.11 praticamente se desintegrou, mas a amizade entre muitos dos jovens do movimento continuou, inclusive criou laços mais fortes e duradouros. Peter Paul e seus amigos dessa época costumavam se encontrar, freqüentemente, em nossa casa, em Bortshausen, perto de Marburg. Os contatos estenderam-se para as novas gerações. Eu, inclusive, visitei Fritz Hintze e sua esposa em fevereiro de 1988, em Berlim Oriental, antes da queda do muro, para trocar idéias sobre arqueologia e egiptologia.

Meu pai tinha uma fantasia privilegiada e um talento para a escrita. Ele conseguia se transladar para qualquer situação, criar personagens, se deslocar em qualquer dimensão espaço-temporal e escrever sobre isso. Seu talento em contar histórias foi reconhecido num concurso da editora Ludwig Voggenreiter, onde trabalhava, para contos de aventuras de cunho etnográfico. Apesar de não conhecer a África, a não ser através de livros, venceu o concurso, e aproveitou a premiação em dinheiro para comprar uma passagem para Namíbia, naquela época colônia alemã. No lombo de uma mula, viajou pelo sudeste da África, observou a vida das pessoas, já com um olhar de etnólogo, publicou histórias curtas em magazines e jornais locais para sobreviver, se hospedou nas estâncias, onde era bem-vindo nas rodas de conversas que se formavam no final da tarde, nas varandas. Ele até chegou a procurar por diamantes no deserto do Calaari. Em 1938, a editora Ludwig Voggenreiter publicou sua coleção de contos sobre aventureiros e exploradores da África, intitulada “Der Fluss ohne Ende” (O rio sem fim), com ilustrações de bico de pena de sua autoria. Suas impressões e observações feitas

no sudeste da África ganharam expressão na história de um jovem chamado Jan, filho de fazendeiros que se envolveu em aventuras com garimpeiros de diamantes. "Jan aus dem Busch" (Jan da mata) foi publicado pela editora Wiking em 1943, em plena guerra. Esse livro foi reeditado em 1965 com o novo título de "Der Diamantenpfad" (Na trilha dos diamantes). A primeira edição foi ilustrada por Heiner Rothfuchs com desenhos em nanquim, que revelaram todo seu talento de desenhista. Aliás, todos os outros livros de literatura juvenil do meu pai foram ilustrados por Rothfuchs.

Peter Paul foi soldado entre 1939-1947. Não será fácil reconstruir esse período, pois ele falava pouco sobre a grande guerra – bem diferente do seu irmão caçula, Egon, que contava sempre a mesma história de como escapou dos russos no norte da Finlândia. Mesmo assim, sou capaz de perceber algumas informações por meio de poucos estilhaços de histórias e através das marcas visíveis no corpo de meu pai. Ele tinha duas cicatrizes. Uma muito grande, na parte traseira da coxa da perna direita, mas que não prejudicava, de forma visível, seu andar, e uma outra pequena no músculo da batata da perna esquerda. A ferida grande adquirira na Rússia, quando a divisão de tanques à qual pertencia entrou em uma cidade. Não me lembro em qual. Ele estava sentado no compartimento lateral de uma motocicleta que formava a ponta do comboio, quando foi atingido por um tiro de uma bala que explodiu dentro da perna ao atingir o osso. Também não sei o ano, mas deve ter sido no início da guerra. Como Peter Paul era oficial, recebeu tratamento médico privilegiado, e assim sua perna não foi amputada, intervenção que teria mudado por completo a sua e, naturalmente, a nossa vida. A história da outra cicatriz nos impressionou quando éramos garotos, muito mais que a grande, que era realmente assustadora. O pai nos contou que recebera o ferimento durante um combate em uma aldeia na França, já abandonada pela população, durante a retirada do exército alemão. Foi durante aquelas lutas, de casa em casa, que sentiu o interior de sua bota completamente encharcado. Uma bala tinha atravessado o músculo da batata da perna, sem ele ter sentido qualquer impacto ou dor.

Depois da recuperação do primeiro ferimento, Peter Paul foi reagrupado para uma divisão de tanques no norte da África. Novamente África, mas dessa vez para Marrocos. Descobri um diário entre seus documentos, com anotações, listas de palavras em alemão, francês e árabe, números e desenhos de pessoas e de elementos arquitetônicos, sem sistema aparente. As anotações iniciam no final de agosto de 1943 e terminam em novembro, mas Peter Paul permaneceu em Marrocos por aproximadamente nove meses, aparentemente longe da guerra. Ele tinha muito tempo para estudar, observar as pessoas, desenhar, analisar costumes, andar pelos mercados de Meknes, Fez, Tanger e Merilla. Ele enviava alguns dos desenhos para sua mãe, em Porz, para avisar que estava tudo bem, e ela, por sua vez, os fixava na porta do armário (Figuras 2 a 5). Com essa exposição, "Oma Netta" anunciava a presença de seu filho mais velho. Todos os seus filhos estavam na guerra, todos em lugares diferentes e todos, com muita sorte, voltaram para casa.

Sua estada em Marrocos, longe dos combates da guerra, durou até a chegada dos aliados no norte da África,



Figura 2. O mercado de Meknes, em Marrocos. Desenhos em nanquim de Peter Paul Hilbert, datados de 1943.



Figura 3. O mercado de Meknes, em Marrocos. Desenhos em nanquim de Peter Paul Hilbert, datados de 1943.

quando a situação mudou dramaticamente. A retirada dos soldados alemães deve ter sido bastante confusa, pelo menos essa foi a impressão que Peter Paul nos passou. A história de sua fuga foi um dos episódios que, mais uma vez, nos impressionou quando éramos adolescentes. Ele nos contou que conseguiu escapar da prisão ao se vestir de marroquino, comprou uma mula e, sem chamar muita atenção, passou para território espanhol. Não sei se a história está bem contada, mas tínhamos em casa algumas peças de roupa tradicional marroquina *djellaba* e fez, duas taças de latão, ornamentadas com frases do alcorão, e outras coisinhas como provas da façanha.

No final da grande guerra, Peter Paul conseguiu, junto com um grupo de soldados alemães que estava em



Figura 4. O mercado de Meknes, em Marrocos. Desenhos em nanquim de Peter Paul Hilbert, datados de 1943.

movimento de retirada da França, atravessar a fronteira para a Suíça. Todos foram submetidos a um esquema rigoroso de interrogações e depois passaram por um processo de internação militar. Enquanto permaneceu em Zurique, Peter Paul recebeu autorização para estudar, como ouvinte, etnologia na Universidade, onde adquiriu um excelente conhecimento sobre a arte africana. E, mais uma vez, ele fez amigos. Alguns deles, do mesmo modo que outros, o acompanharam por toda a vida. Elsy Leuzinger, colega em sala de aula, foi uma das maiores autoridades em arte africana e diretora do Museu Rietberg, em Zurique; outras amizades mais breves foram a de uma brasileira de Blumenau, que também estudava etnologia, e seu pai, um empresário e fabricante têxtil de nome Hering. Quando todos os soldados alemães, em 1947, depois de dois anos de internamento militar, desfrutando das vantagens de um país 'neutro', tiveram de sair da Suíça e retornar para suas



Figura 5. O mercado de Meknes, em Marrocos. Desenhos em nanquim de Peter Paul Hilbert, datados de 1943.

casas e famílias destruídas, meu pai não quis voltar e optou por mais uma aventura em sua vida, embarcando em um navio de Gênova para o Rio de Janeiro.

Em algumas de nossas brincadeiras, meu irmão e eu imaginávamos ser netos do Sr. Hering, e claro que nossa mãe não gostava dessas cogitações: “você seriam outras pessoas!”, advertia. Bom, seja como for, estou percebendo que se trata de mais um capítulo obscuro e nebuloso na vida do pai. “Por que não ficou em Blumenau e se tornou vendedor de camisetas e calções?”, perguntávamos. “Queria ver o Amazonas, o Xingu e o Museu Goeldi”, respondia, quando questionado por nós. De alguma forma, as coisas começaram a ter certa lógica, começaram a ‘fechar’, a criar uma rede de significados, apesar de toda a discordância, incoerência e aparente confusão na vida de Peter Paul, parcialmente provocadas pela guerra e pelo jeito dele viver a vida. As leituras e os estímulos recebidos pelos amigos em Berlim, suas aventuras no sudeste da África e no Marrocos,

fizeram com que ele não se fixasse em Blumenau, mas o levaram, em 1948, para Belém do Pará, localizada na desembocadura do majestoso rio Amazonas.

Podemos agora abrir uma nova camada arqueológica na gaveta de memórias. Os primeiros níveis de evidências são, igualmente, difusos. Eu não sei, por exemplo, de que ele vivia nos primeiros meses de sua estada em Belém. Sei que existia uma pequena comunidade alemã na cidade, da qual a família da minha mãe, os Kremer, fazia parte. Além deles, residiam ali os Rettelbusch, a família de um engenheiro, além de outros comerciantes e cientistas, como meu tio Harald Sioli, limnólogo mundialmente reconhecido e diretor do Instituto Max Planck, que se casou com minha tia Hilke. Posso imaginar que o recém-chegado e não mais tão jovem alemão solteiro, de 34 anos, tenha feito algum sucesso entre os compatriotas e, por isso, não passou fome.

Suas primeiras atividades dentro do Museu Emílio Goeldi estavam relacionadas, como não poderia ser diferente, com a África. A coleção africana do Museu Goeldi, constituída por objetos recolhidos no final do século XIX, principalmente nas regiões do Zaire e em Angola, foi adquirida pelo governador Magalhães Barata na década de 1930 e doada ao Museu. Peter Paul aproveitou seus conhecimentos sobre arte africana e suas habilidades como desenhista e escritor, e elaborou um catálogo sistemático da coleção. Mas o evento mais importante para sua carreira como pesquisador, arqueólogo e etnólogo foi o encontro com o casal de arqueólogos americanos Betty Meggers e Clifford Evans. Cliff e Peter Paul, soldados na Segunda Guerra Mundial, haviam lutado em lados opostos, mas entendiam-se muito bem. Meu pai sempre falou de Betty e Cliff como se fossem membros da sua família. Ele costumava dizer que “Cliff era o homem da prática, do corpo e das mãos, e Betty era a cabeça. Os dois formavam uma dupla dinâmica e muito competente”.

Mais uma vez, Peter Paul construiu uma amizade que rompeu todas as barreiras e ergueu pontes duradouras entre pessoas, que permaneceram além de sua vida. Em maio de 1949, ele acompanhou Betty e

Cliff na segunda saída de campo para a ilha de Marajó. Na gaveta dos documentos que complementam minha narrativa, encontrei anotações, folhas soltas retiradas de um caderno-espiral, sobre essa pesquisa. O estilo das anotações é muito parecido com aquele observado no diário de Marrocos: idéias para uma história, croquis de elementos arquitetônicos, a planta da casa de um caboclo, distribuição das áreas de atividades, objetos do cotidiano caboclo e estratigrafia arqueológica.

Também encontrei uma dezena de fotografias em preto-e-branco do tamanho de negativos. Fazia-se isto, antigamente, para economizar. Depois de revelar os negativos, o fotógrafo tirava cópias de contato, entre as quais o cliente selecionava as melhores provas para, posteriormente, mandá-las ampliar. Não posso mais reconstituir quem tirou as fotos. Como Peter Paul, provavelmente, não tinha máquina fotográfica naquela época, imagino que a, ou as máquinas, passava de mão em mão entre Peter Paul, Betty e Cliff, e que, assim, todos, de uma forma ou outra, foram autores dessas imagens, que se tornaram clássicas da arqueologia amazônica. O que as imagens mostram revela uma vontade de fazer, de ser completamente independente. Tudo que aspiravam tinha de ser conquistado, na medida em que eles pretendiam criar algo novo, e não apenas repetir, imitar o já existente. Essa linguagem e essas ações, Peter Paul conhecia de longa data, sentia-se desafiado, mas convicto e seguro de poder encarar o desafio. As fotos mostram os momentos de dificuldades, de tensão, mas também de relaxamento. Algumas imagens são tremidas, fora de foco ou as pessoas aparecem cortadas. A famosa urna funerária da cultura Marajoara, inúmeras vezes reproduzida, copiada, imitada, estava no centro das atenções e era o principal objeto de preocupação. Parecia uma criança recém-nascida, que precisava e, obviamente, recebia todos os cuidados e atenções. E ela realmente merecia, pois é linda, icônica! Uma tomada fotográfica mostra o esforço que os dois homens, Cliff e Peter Paul, fizeram para retirá-la da escavação (Figuras 6 e 7). Uma outra exhibe Betty e Cliff



Figura 6. A retirada da grande igaçaba marajoara, por Cliff e Peter Paul.

lavando-a à margem do rio (Figura 8). Depois ela foi transportada para terra firme, protegida com tecido velho, em uma canoa (Figuras 9 e 10). Mais tarde, foi exposta no Museu Emílio Goeldi e admirada por milhares de visitantes e paraenses orgulhosos.

A urna não foi o principal objetivo da pesquisa arqueológica de Meggers e Evans. Urnas funerárias e objetos cerâmicos da cultura marajoara, em geral, faziam parte dos acervos da grande maioria e dos maiores e mais importantes museus do mundo. O que eles pretendiam realizar era contextualizar cronologicamente a cultura marajoara e criar as fases e tradições arqueológicas da desembocadura do rio Amazonas. Betty Meggers e Clifford Evans passaram a estação das chuvas em Belém, na casa do diretor do Museu Goeldi, Inocêncio Machado



Figura 7. Clifford Evans e Betty Meggers descansando.

Coelho Neto, analisando e classificando toneladas de cacos de cerâmica, pois todo esse material ficou no Goeldi e forma, hoje, parte do valioso acervo da coleção arqueológica do Museu. Peter Paul observava, ajudava, perguntava e aprendia. Como o dinheiro era curto, meu pai ganhou alguns dólares desenhando objetos que estavam fora do contexto da seqüência seriada, como lâminas de machados, afiadores, polidores, pingentes e algumas peças cerâmicas. Esses desenhos fazem parte da publicação final dos resultados da pesquisa de Meggers e Evans na desembocadura do rio Amazonas. A dedicatória do exemplar de “Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon”, publicado em 1957, lembra do trabalho de campo: “To Peter Paul Hilbert – who knows what the fieldwork behind this report is like!”.

Depois de seu estágio em arqueologia com Cliff e Betty, Peter Paul se encontrava no Museu Goeldi numa situação nova. De especialista em arte africana, tornou-se, quase do dia para a noite, arqueólogo, retomando as pesquisas arqueológicas do Museu, que estavam paradas desde o início do século. Mas, por onde começar e com quais recursos? Peter Paul começou onde Cliff e Betty haviam parado, e onde ele havia dado os primeiros passos para ser arqueólogo – ele retornou para ilha de Marajó. As pesquisas ganharam suporte do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, recém-fundado e do qual era membro, e

do Museu Paulista. Integrava a missão o etnólogo e fotógrafo Harald Schultz, aluno de Herbert Baldus. E, novamente, as coisas tornaram-se favoráveis para Peter Paul. Harald Schultz, gaúcho, cinco anos mais velho que meu pai, foi seu companheiro de coração. “Brüderchen”, irmãozinho, era como se costumavam chamar. Tenho muitas lembranças do tio Haroldo. Casado com Wilma Chiara, antropóloga, paulista, que ainda faz parte do ciclo de amigos da minha mãe, Harald era um homem grande, forte, andava com a cabeça projetada como uma tartaruga, sofria de miopia aguda e, por isso, era muito atrapalhado. Tudo que tocava se transformava em cacos. O chão da nossa casa, na antiga Avenida São Jerônimo, em Belém, tremia quando tio Haroldo chegava para uma visita. Homem barulhento, sempre bem humorado e que trazia presentes igualmente barulhentos para as crianças, trompetes de plástico ou carrinhos de brinquedo com sirene, só para incomodar os adultos. Minha mãe entrava em pânico cada vez que ele abria a porta da geladeira para beber um copo d'água. Era uma velha General Electric com trinco emperrado, que dava choque e que precisava de um jeitinho especial para abrir. Esse truque tio Haroldo nunca aprendeu...

Em 1950, entre janeiro e março, os sítios arqueológicos do igarapé do Camutins, do Severino e da ilha do Pacoval foram explorados. É claro que não me lembro desses detalhes, nem era nascido, e minha mãe não entrara no palco. Para essas informações, consultei a internet e o trabalho de Mauro Vianna Barreto, “História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi”, publicado no Boletim do Museu Goeldi em 1992, de onde consegui juntar todos esses dados e muitos detalhes interessantes. Mauro é um historiador nato, foi meu bolsista de iniciação científica e companheiro na pesquisa que fizemos juntos no Igarapé do Lago, Amapá – ele, na trilha de Domingos Soares Ferreira Penna e Aureliano Pinto de Lima Guedes, e eu, nas pegadas de Peter Paul.

Os resultados das intervenções de Peter Paul e Harald Schultz na ilha de Marajó foram publicados, dois anos depois, pelo Instituto de Antropologia e Etnologia

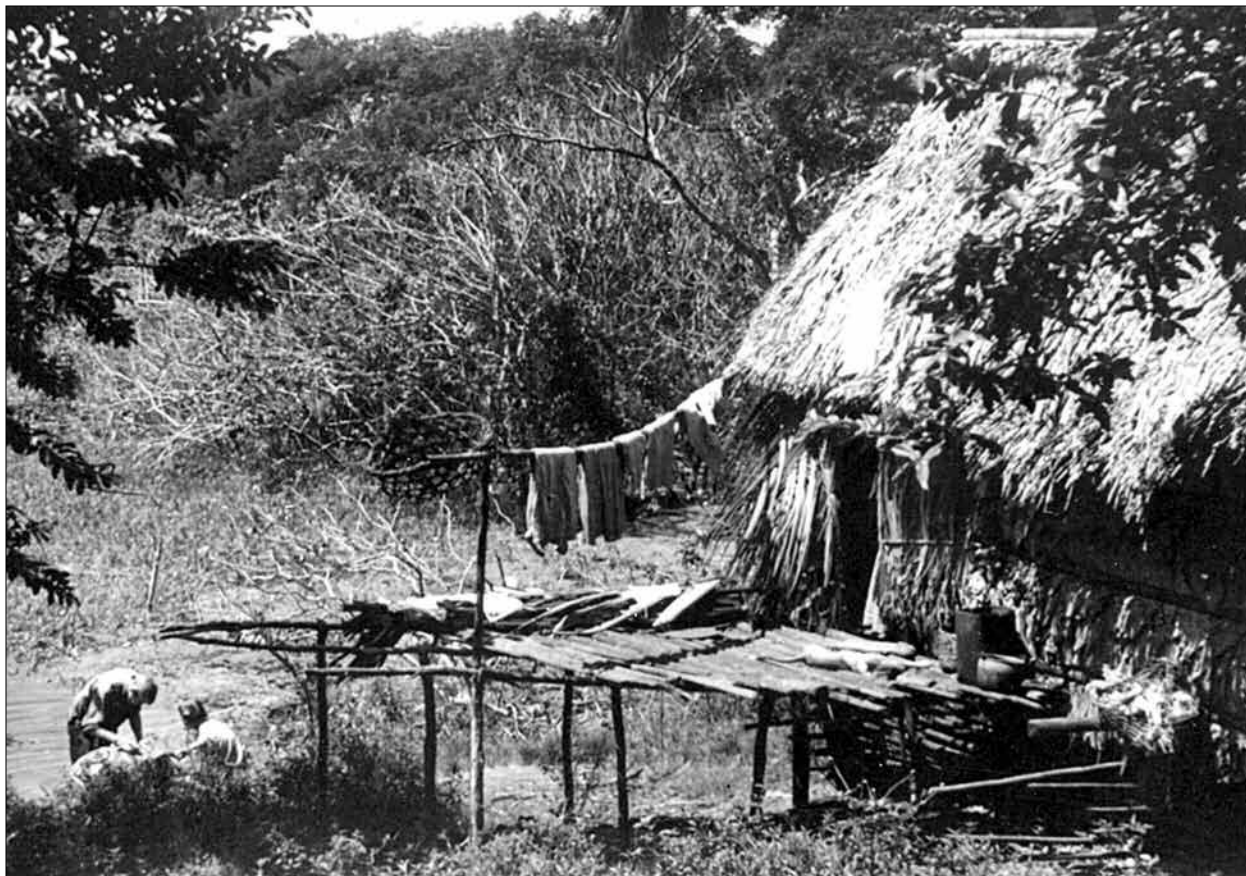


Figura 8. Betty e Cliff lavando a uma funerária marajoara.

do Pará. O que mais me surpreendeu nessa sua primeira publicação arqueológica foi a maneira crítica e inteligente que encontrou para narrar os procedimentos da escavação e, principalmente, expor sua preocupação com o péssimo estado de preservação dos sítios arqueológicos na ilha de Marajó. Peter Paul encontrou um dos mais importantes sítios, o do Pacoval, completamente destruído. “O Pacoval praticamente deixou de existir!”, lamenta. Ele aponta para a erosão, para o pisoteamento pelo gado e, sobretudo, para a pilhagem do sítio arqueológico por caçadores de tesouros, que retiram e vendem as cerâmicas da cultura marajoara para colecionadores, tornando-se os principais culpados pela depredação do sítio. Seus relatos sobre as pesquisas arqueológicas na ilha de Marajó são, do ponto de vista metodológico, surpreendentes, especialmente

por não ter aplicado a metodologia de seriação de cacos de cerâmica, como tinha aprendido com Betty e Cliff. É muito significativo que essa metodologia tenha sido usada por Peter Paul apenas uma única vez. Foi na sua publicação sobre as pesquisas arqueológicas no Médio Amazonas, à qual voltarei mais tarde.

No mesmo ano, apareceu no Goeldi um jovem americano com a idéia de usar a música “Uirapuru”, de Heitor Villa-Lobos, como pano de fundo para fazer um filme com verdadeiros índios da Amazônia. Como ele estava com muita pressa, perguntou a um funcionário do Goeldi pelo ônibus que poderia levá-lo para a aldeia mais próxima. Esse jovem cineasta era Sam Zebba. Meu pai cuidou um pouco dele. Juntos, passaram várias semanas entre os índios para fazer as imagens para



Figura 9. Urna marajoara durante o transporte.

um filme de aproximadamente 17 minutos. Com esse filme, Sam Zebba defendeu sua tese de mestrado pela University of Califórnia. Em 1959, Sam foi co-diretor de Fred Zinnemann no filme “The Nun’s story”, com Audrey Hepburn e Peter Finch. A amizade entre Peter Paul e Sam durou até a morte do meu pai. Algumas vezes, passamos nossas férias de verão na casa de Sam, em Tel Aviv. Até



Figura 10. Peter Paul e Betty na canoa.

hoje, visita minha mãe em Marburg, quando passa pela Europa com sua orquestra sinfônica.

Somente a partir de meados da década de 1950, a divisão de antropologia e arqueologia do Museu Goeldi começou a oferecer condições dignas ao trabalho científico, quando se formou um quadro de pesquisadores, o que fez valer a pena a permanência do nosso pai no Brasil. Vários fatores contribuíram para melhorar a situação. A partir de 1954, o Goeldi passou a ser sustentado por verbas federais, administrado através do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em convênio com o então chamado Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), recém-fundado. Antes dessa época, minha mãe contava que precisava de toda sua habilidade de filha de comerciante para negociar as dívidas com o padeiro português da esquina, pois o salário dos funcionários do Museu atrasava regularmente, às vezes até por vários meses. Outro fator, muito mais decisivo, foram os pesquisadores permanentes que, aos poucos, ingressaram no quadro do Museu, além de um aumento considerável de pesquisadores visitantes, brasileiros e

estrangeiros, que passaram pelo Goeldi em busca de apoio, material de consulta ou como simples curiosos. Entre eles estava Helen Palmatary³, para a qual Peter Paul fez alguns desenhos, Berta e Darcy Ribeiro, Carlos Moreira – o homem que caiu no tanque do peixe-boi durante uma festa – e muitos outros, dos quais não tenho registro.

Eduardo Galvão tornou-se chefe da Divisão de Antropologia, sua esposa Clara, administrava a valiosa Biblioteca, e Walter Egler foi nomeado diretor do Museu. Ao quadro dos pesquisadores foi, mais tarde, integrado o missionário franciscano Protásio Friel, com quem Peter Paul já mantinha contatos profissionais e pessoais muito antes de sua contratação definitiva. Günther (Protásio) Friel ou “Protas”, como meu pai costumava chamá-lo, colecionava, durante suas

horas vagas, informações e objetos de sítios arqueológicos da região de Oriximiná, onde tinha sua paróquia. Incentivado por ele, Peter Paul visitou, em 1952, a região entre os rios Trombetas e Nhamundá. Minha mãe, Eva, recém-casada e grávida de mim no terceiro mês, o acompanhou. No acervo familiar, achei algumas fotos coloridas dessa saída de campo, que misturava aspectos de aventura e pesquisa com viagem de lua-de-mel (Figuras 11 e 12). O deslocamento era difícil. Contava minha mãe que, às vezes, esperavam muitos dias para arrumar um meio de transporte. Qualquer oportunidade de condução era bem-vinda. Frequentemente viam-se obrigados a pedir ‘carona’ aos comerciantes que, com seus barcos (regatões), levavam mercadorias às pequenas vendas e aos armazéns localizados ao longo dos canais, rios, igarapés e



Figuras 11. Eva Hilbert atravessando igarapés em busca de sítios arqueológicos no rio Nhamundá.

³ Palmatary vinha se dedicando, desde a década de 1930, ao estudo da cerâmica arqueológica amazônica (ver Palmatary, 1939).

lagos, os quais, por sua vez, abasteciam o interior da Amazônia. Meus pais penduravam suas redes nas malocas dos cabocos, e nas cidades dormiam nas casas das famílias tradicionais. Nos dias de espera, Eva cortava os cabelos das mulheres na última moda belenense, costurava blusas e saias, curava as feridas e os bichos-do-pé da molecada. Peter Paul visitava as terras pretas dos índios na busca de novas evidências arqueológicas.

Com pouca bagagem, apenas roupas e rede, Peter Paul e Eva visitaram os sítios indicados por Frikel, recolheram alguns cacos de cerâmica na superfície, fizeram observações e anotações. Outro material que completou o contexto arqueológico dessa pesquisa foi o da coleção particular de Protásio Frikel, com peças muito bonitas e importantes, que depois foi integrada ao acervo do Museu Goeldi.

Considero a publicação sobre essa pesquisa arqueológica da região de Oriximiná uma das melhores do meu pai. Bem ilustrada, com desenhos de excelente qualidade artística, e com uma narrativa que altera, organicamente, informações arqueológicas, geográficas, fontes históricas, etno-históricas e etnográficas. Durante a elaboração do texto, ele buscou fazer uma correlação entre o estilo artístico do material cerâmico, do desenho e da técnica da decoração das vasilhas, com determinadas etnias que viveram nessa região, entre os rios Trombetas e Nhamundá. Uma vez mais, Peter Paul não cogitou a possibilidade de criar fases e tradições arqueológicas, conforme as propostas metodológicas e conceituais formuladas por Cliff e Betty⁴. Ele optou por um agrupamento alternativo, usando critérios artísticos que



Figuras 12. Eva Hilbert atravessando igarapés em busca de sítios arqueológicos no rio Nhamundá.

⁴ Ver, por exemplo, Meggers (1961).

privilegiam o estilo da cerâmica. Apoiando-se nas propostas de Curt Nimuendajú⁵, Protásio Frikel e certamente outros, Peter Paul atribui a cerâmica mais característica da região dos rios Trombetas e Nhamundá aos Konduri, uma etnia mencionada pelos primeiros cronistas que viajaram pelo rio Amazonas, como Frei Gaspar de Carvajal, Frei Cristóbal de Acuña ou Maurício de Heriarte. Os resultados das pesquisas foram publicados em 1955 pelo Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, com o número 9, depois da “Arte oleira dos Tapajó”, de autoria de Frederico Barata (1950), e da contribuição sobre o “Folclore Bragantino”, de Armando Bordallo, diretor do Goeldi naquela época. “A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná”, de Peter Paul, segue, claramente, o pano de fundo teórico da coleção que privilegiava os aspectos históricos e culturais sobre os evolucionistas culturais.

A troca de idéias e de informações entre Protásio e Peter Paul continuou, e, naturalmente, também sua amizade. É impressionante, mas Protásio sempre encontrou tempo e oportunidades, durante suas próprias pesquisas etnológicas e as atividades relacionadas à ordem dos Franciscanos, para registrar sítios arqueológicos, para coletar material ou fazer algumas escavações. Um outro contexto arqueológico muito importante, descoberto por ele, foi o sítio da Ponta do Jauari, ou Curuá de Alenquer. Trata-se de um sambaqui fluvial, de onde Protásio recolheu fragmentos cerâmicos, que Peter Paul, provisoriamente, classificou dentro de um horizonte estilo-cronológico, criado por Meggers e Evans, chamado de Hachurado-Zonado, nomenclatura hoje em desuso, e que provavelmente pertence a uma tradição policroma antiga, ainda não bem definida. As análises do material coletado por Frikel, entre 1939 e 1941, durante o período da seca – pois em outras épocas do ano esse sambaqui fluvial fica completamente submerso – fazem parte do primeiro capítulo da publicação de Peter Paul, “Archäologische Untersuchungen am Mittleren Amazonas”, de 1968.

Para esse texto, li alguns dos relatórios anuais que todos os pesquisadores da Divisão de Antropologia e

Arqueologia do Museu Goeldi eram obrigados a elaborar (MPEG, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961). Graças a esses relatórios técnicos, posso conferir algumas datas e alguns dados interessantes. Por meio deles, sei que Peter Paul estava sempre envolvido em alguma atividade de pesquisa. Em 1955, escavou o sítio de Itacoatiara para fazer alguns testes estratigráficos, aproveitando os movimentos de terra feitos para a implantação da Refinaria de Petróleo (COPAM), perto de Manaus. Dois anos depois, participou da excursão organizada por Eduardo Galvão para Santarém, Alter do Chão e Monte Alegre. As pesquisas no rio Japurá ocorreram em 1959, e, no outro ano, Peter Paul localizou sítios de terra preta no baixo rio Tocantins.

Na estação menos chuvosa, ele estava em campo, e na estação das chuvas analisava, desenhava e descrevia ações e o material recolhido em campo, ou estava envolvido na montagem de alguma nova exposição arqueológica ou antropológica dentro do próprio Museu Goeldi. Quando o pai estava em campo, o resto da família, eu, minha mãe, meu irmão, mais tarde minha irmã e minha avó Kremer, “Omi”, passávamos as férias em Salinas. “O clima da praia é melhor de que em Belém”, diziam.

O pai aparecia para nós com mais frequência depois da temporada da praia. Meu irmão e eu íamos, depois do jardim de infância ou da escola, ao Goeldi para brincar. O parque zoobotânico do Museu era a nossa selva, nosso continente a ser explorado, nosso parque de diversões. E como a família do diretor Egler morava dentro do parque, meu irmão, eu e os filhos de Walter e Eugenia Egler, Cláudio, Paulo César e Marco Aurélio, passamos alguns anos das nossas infâncias brincando no parque. Nadamos no tanque do peixe-boi, subimos nas árvores, provocamos as onças e incomodamos os guardas. Tudo era festa. Éramos moleques e os verdadeiros donos do Museu. De tanto brincar, enquanto nosso pai passava pesquisando, esquecíamos uns aos outros. Às vezes, Peter Paul voltava para casa sem levar seus filhos.

⁵ Ver, por exemplo, Nimuendajú (1949).

Quando minha irmã nasceu, nosso pai estava em Washington. Entre 1957 e 1958, ele passou, com apoio financeiro da National Science Foundation, oito meses no Smithsonian Institution, com Cliff e Betty, classificando, dentro dos critérios quantitativos, o material dos sítios Refinaria, Manaus, Itacoatiara e do baixo rio Tapajós. Ele voltou com muitos presentes: livros, brinquedos e uma piscina inflável, que foi a grande atração do bairro. Mas, a alegria durou pouco. Que pena!

Em 1960, Eva e Peter Paul foram para Viena a fim de participar do Congresso Internacional de Americanistas. Foi a primeira vez, desde o fim da guerra, que o pai esteve na Alemanha. Entre julho e setembro de 1961, Peter Paul realizou sua última grande viagem arqueológica investigativa no médio Amazonas. Ele pesquisou sítios de terras pretas na foz do rio Negro, em Manacapuru, Paredão e Cuieiras, subiu até Benjamin Constant e desceu o rio Solimões de lancha, até Tefé (Figura 13). Companheiro dessa viagem foi o biólogo alemão Ernst Fittkau, que coletava material para sua tese de doutorado. À noite, ele caçava as mariposas com uma lâmpada, e durante o dia ajudava meu pai a fazer as escavações estratigráficas.

O final do ano de 1961 mudaria nossas vidas dramaticamente. Até então, parecia que todos tinham entrado organicamente no ritmo da monotonia tropical, quando a notícia do acidente fatal de Walter Egler, na cachoeira Macacoara, no alto curso do rio Jaurí, colocou



Figura 13. Peter Paul Hilbert escavando no rio Solimões, em 1961.

o Museu Goeldi em estado de choque. Foi nesse final de agosto que terminou um capítulo importante na vida dos nossos pais. A molecada ainda levava as coisas na brincadeira, mas logo iríamos também sentir as conseqüências. A família Egler, imediatamente, deixou Belém e retornou ao Rio de Janeiro. Foram-se nossos amigos e, logo em seguida, nós fomos para a Alemanha. Peter Paul foi contemplado com uma bolsa do Instituto Alemão de Pesquisas (DFG) para concluir seus estudos sobre a arqueologia do médio Amazonas, na Universidade de Mainz. Rapidamente, ele guardou, com muito cuidado, três toneladas de cacos de cerâmica, fruto de suas últimas investigações, livros, fotos e anotações em uma grande caixa. A mãe fez as malas e todos nós embarcamos no “Lichtenstein”, um cargueiro da Hapag/Lloyd, rumo a Hamburgo. O “Lichtenstein” ainda passou por Fortaleza para levantar alguma carga, e Peter Paul aproveitou nossa última estada em solo brasileiro antes de cruzar o Atlântico para fazer algumas fotos dos jangadeiros (Figuras 14 e 15). Ainda, durante a viagem, aproveitou e escreveu uma reportagem sobre a vida dos “surfistas cearenses”, que publicou na Kosmos, uma revista de cunho científico-popular.

O choque cultural nos atingiu com toda sua violência e crueldade quando desembarcamos em Hamburgo. Foi como um soco na cara. Minha irmã, Marianne, só falava português, meu irmão Hans, que até hoje chamamos de Chico, falava apenas algumas palavras em alemão, assim como eu. Tudo era diferente! A fumaça que saía da boca quando respirávamos, a cueca, que fomos obrigados a usar a partir de agora e que tinha – vejam só – uma abertura para fazer xixi, o que nós estranhamos muito, as botas, a roupa, tanta roupa, sem falar da comida. A escada-rolante num *shopping center*, que naquela época se chamava de *Kaufhaus*, virou brinquedo, transformou-se num inimigo terrível, tornou-se um desafio que precisava ser conquistado, de preferência contra o fluxo das pessoas e da máquina. Mas não eram as coisas materiais que nos assustavam, pelo contrário! Vencemos todas as batalhas. Eram os seres vivos, eram as coisas da alma que nos



Figura 14. Jangadas em Fortaleza.



Figura 15. Jangadas em Fortaleza.

faziam sofrer. Nos primeiros meses, ficamos na casa do Professor Doutor Harald Sioli, nosso tio e diretor do Instituto Max Planck de Limnologia, em Plön, bem no norte da Alemanha. Era coisa muito séria! Todos moravam na mesma casa, que era um verdadeiro palácio, e uma moradia digna para um diretor do Instituto. Nossos primos Eike, Ute e Erhard Sioli tinham de enfrentar os novos vândalos, Klaus, Hans e Marianne. Apesar dos pequenos atritos naturais que ocorreram entre primos e primas, éramos amigos e, ao mesmo tempo, concorrentes. O que é coisa natural. A vida da caboclada paraense mudou, mas superamos os desafios. Até ensinamos coisas novas aos primos ricos alemães. Mas posso afirmar que sofreremos! Hoje sei que meus pais e meus avós, que retornaram no outro ano para a Alemanha, depois de quarenta anos de vida na Amazônia, sofreram muito mais. Meu avô Kurt Kremer, “Opa”, dizia que “quem sai, nunca mais retorna ao mesmo lugar, apenas volta”.

Peter Paul se instalou no porão úmido da Faculdade de Antropologia da Universidade de Mainz para lavar e numerar os cacos de cerâmica da Amazônia. Depois da escola, em vez de ir brincar no parque do Museu Goeldi, eu ia fazer companhia ao meu pai, lavando e numerando. Aprendi a escrever números na superfície de cacos. As mudanças continuaram. O orientador

científico e responsável perante o órgão de fomento da bolsa de pesquisa do meu pai, Horst Nachtigall, assumiu o professorado da Faculdade de Etnologia da Universidade de Marburg. E lá fomos nós, acompanhados pelas três toneladas de cacos e pedras da Amazônia. A relação entre o Professor Nachtigall e meu pai se deteriorou, de tal forma que Peter Paul começou a adoecer. Ele nunca fora um homem de boa saúde, mas as causas do seu mal-estar tinham origens psicossomáticas. Mesmo assim, ele nunca deixou de trabalhar e de produzir textos. Em rápida seqüência, Peter Paul publicou dois livros de literatura: “Zoo im ersten Stock” (O zôo no primeiro andar), de 1964, conta a história de uma família de imigrantes alemães, a história da minha mãe, que mora em uma casa colonial no centro histórico de Belém e que cria e revende animais; e “Sohn der Wassermutter” (Aventura na Amazônia), de 1965, que descreve as aventuras de um jovem que escapa da escravidão em uma fazenda, para morar na grande cidade, em Belém. Peter Paul também elaborou uma série de palestras sobre a Amazônia para o público leigo interessado. Com os honorários dos livros e das palestras, manteve a família, pois a bolsa tinha terminado e com o salário de assistente de pesquisa na Faculdade de Etnologia não dava para sobreviver. Peter Paul não tinha diploma universitário. Foi pesquisador do Goeldi e

freqüentou um curso sobre análise quantitativa de cerâmica em Washington, mas tudo isso valia pouco na Alemanha.

Peter Paul tinha mais ou menos minha idade quando, finalmente, os resultados de suas pesquisas no médio Amazonas foram publicados, em 1968. Ele levou mais de seis anos analisando, descrevendo, desenhando e lendo para compor o livro "Archäologische Untersuchungen am Mittleren Amazonas". Foi um esforço gigantesco e solitário, pois, diferentemente dos tempos no Museu Goeldi, ele não tinha ninguém com quem dialogar diretamente sobre a arqueologia amazônica. Na falta de referências e de interlocutores, Peter Paul se aproximou dos arqueólogos do Departamento de Pré e Proto-História, do professor e chefe do Departamento, Wolfgang Dehn, especialista na cultura Celta (La Tène), de quem assistiu algumas palestras. O Professor Dehn também costumava freqüentar as festas em nossa casa, em Bortshausen, sobretudo, quando minha mãe convidava os estudantes de Etnologia para uma feijoada completa brasileira. Esses encontros eram movidos por uma boa quantidade de cerveja e vinho, e acompanhados por debates interessantes, que raramente terminavam antes do amanhecer. Quando Peter Paul tentou explicar ao Professor Dehn o esquema de classificação por seqüências seriadas e a maneira como fases e tradições eram definidas, Dehn não concordou com essa "fórmula mágica" de criar unidades culturais arqueológicas. Uma abordagem que dividia, através de um corte horizontal imaginário, uma representação gráfica de dados estatísticos em diferentes partes não poderia ser chamada de metodologia arqueológica. Tratava-se de uma espécie de estratigrafia estatística e puramente artificial, que, inclusive, permitia a ocorrência de tipos de outras fases, anteriores ou posteriores, no mesmo nível estratigráfico. Essa forma de definir uma unidade cultural era completamente incompreensível para Dehn e para seus colegas do Departamento de Arqueologia. Segundo eles, uma cultura arqueológica era definida não pela quantificação de atributos, mas pela presença ou ausência dos mesmos, e pelas semelhanças internas das manifestações e dos elementos materiais, assim como por

suas diferenças externas em comparação com as outras culturas. Assim, meio convencido dessa lógica, Peter Paul elaborou uma abordagem híbrida: montou uma seqüência seriada, como mandava o manual, mas definiu tradições e fases como se fossem culturas arqueológicas tradicionais, que reuniam os mesmos elementos técnicos e estilísticos comuns, e que eliminavam os elementos quantitativamente menos significativos, em extinção ou em surgimento, dentro das seqüências seriadas. Dessa maneira, as fases e tradições criadas por ele eram mais claras e de mais fácil compreensão. "Sabemos que dentro de uma cultura pode surgir um ou outro elemento novo, e algum tradicional pode desaparecer", costumava dizer Dehn, "mas isto não deve atrapalhar a caracterização de uma cultura arqueológica". Betty Meggers não deve ter aprovado essa abordagem híbrida, mas Peter Paul me explicou que foi assim que aconteceu e, no fundo, estava contente com essa solução. Cheguei à conclusão de que a única vez em que utilizou nas suas pesquisas arqueológicas a metodologia da seqüência seriada, o método Ford, Peter Paul o transformou e o usou um pouco fora dos padrões exigidos.

Um ano depois, em abril de 1969, a Universidade de Marburg lhe conferiu o título de Doutor *Honoris Causa* pelo conjunto de suas pesquisas na Amazônia. Tenho certeza de que Professor Wolfgang Dehn influenciou, positivamente, o conselho universitário. Pela primeira vez, e quase dez anos depois da nossa chegada à Alemanha, Peter Paul ganhou certa estabilidade no âmbito acadêmico, ao ser contratado como curador da coleção etnográfica da Faculdade de Etnologia da Philipps Universität Marburg. Nos anos seguintes, além de reestruturar a coleção, completamente abandonada no porão do antigo prédio da Faculdade, e de adquirir, por meio de doações e leilões, novas peças, ele orientou alunos nos trabalhos monográficos e deu aula sobre cultura material com ênfase em... exatamente: Arte africana!, fechando, assim, um ciclo e uma paixão que começara lá na década de 1930, em Berlim.

Pouco tempo depois, mais um ciclo se fechou: sua paixão pela Amazônia. Em 1975, Peter Paul voltou pela

última vez ao Museu Goeldi, e mais uma vez regressou à região dos rios Nhamundá e Trombetas. Dessa vez, acompanhei meu pai. Foi nessa viagem que me apaixonei pela arqueologia e meu pai mudou de nome: de “Pai” para “Peter Paul”. Revisitamos os velhos sítios do “Protas”, os locais da lua-de-mel, mas descobrimos novos sítios também, entre eles os da tradição Pocó. Peter Paul percebeu, na hora, que tinha nas mãos algo completamente novo: uma tradição polícroma antiga! “Tens de fazer algo com isso!”, me dizia. “Pocó pode mudar a arqueologia da Amazônia”. Prometi-lhe, mas ainda não cumpri...

Peter Paul buscava dialogar com muitos outros colegas interessados em culturas extra-européias e em cultura material. Nos últimos anos, ele descobriu sua paixão pelas artes e religiões asiáticas. Em 1975, montou, junto com um grupo de colegas do Departamento de Ciências da Religião, uma exposição sobre as novas religiões (Tenrikio) no Japão. O principal ponto de referência e oportunidade de diálogo foi Martin Kraatz, coordenador do Departamento. Infelizmente, os atritos com o chefe da Faculdade, Professor Nachtigall, continuaram, e o desgaste físico e emocional foi tanto que, em 1976, Peter Paul pediu transferência para a Faculdade de Pré e Proto-história, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1979.

Um ano antes, Peter Paul juntara seus dois filhos para participar da Missão de Resgate Arqueológico de Salto Grande, no Uruguai. Organizada pela arqueóloga Niède Guidon, amiga dos nossos pais há muitos anos, escavamos diversos sítios de caçadores-coletores datados do final do Pleistoceno. Esse material serviu para minha tese de doutorado. Uma boa quantidade dos artefatos líticos foi desenhada por meu pai. Ao vê-lo fazer esses desenhos, aprendi muito. Peter Paul faleceu em sua casa, em Bortshausen, em 13 de março de 1989, vítima de câncer. Nessa época, eu já estava no Museu Goeldi, abrindo um novo ciclo de pesquisas na Amazônia da família Hilbert.

De alguma forma, devo aproximar-me do término dessa história biográfica de Peter Paul Hilbert. Quero fechar a gaveta das memórias. Diversos documentos ficaram sem

leitura, fotos sem serem identificadas, muitos nomes e personagens foram esquecidos ou não mencionados, redes e conexões entre pessoas e eventos ficaram sem nexo, histórias foram mal contadas e precisam ser reinventadas, quando a gaveta das memórias for reaberta. E garanto, não passa um dia sem que ela seja aberta e seu conteúdo examinado. Tentei contar uma biografia do meu pai dentro de uma perspectiva pessoal, coisa que não é comum. Sabemos que todas as histórias são pessoais, mas essa é minha história, a história de Peter Paul Hilbert, meu pai, que partiu para ver a Amazônia!

OBRA DE PETER PAUL HILBERT (EM ORDEM CRONOLÓGICA)

Literatura arqueológica

HILBERT, Peter Paul. **Contribuição à arqueologia da ilha de Marajó**. Os tesos marajoaras de alto Camutins e a situação da ilha do Pacoval, rio Arari. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1952. (Publicação n. 5).

HILBERT, Peter Paul. **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná**. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1955. (Publicação n. 9).

HILBERT, Peter Paul. Tripods in the Lower Amazon. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31., 1955, São Paulo. **Anais...** São Paulo: IEB-USP, 1955. p. 825-828.

HILBERT, Peter Paul. Contribuição à arqueologia do Amapá. Fase Aristé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, n. 1, p. 1-37, 1957.

HILBERT, Peter Paul. Die Hügelbauer vom Marajó. **Kosmos**, n. 53, p. 454-459, 1957.

HILBERT, Peter Paul. Urnas funerárias do Rio Cururú, Alto Tapajós. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, n. 6, p. 1-13, 1958.

HILBERT, Peter Paul. **Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Amazonas**. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1959. (Publicação n. 10).

HILBERT, Peter Paul. Preliminary results of archaeological investigations in the vicinity of the mouth of the Rio Negro, Amazonas. **Actas del 33º Congreso Internacional de Americanistas**, v. 2, p. 370-377, 1959.

HILBERT, Peter Paul. Preliminary results of archaeological research on the Japurá River, Middle Amazon. **Akten des 34º Internationalen Amerikanistenkongresses**, p. 465-470, 1962.

HILBERT, Peter Paul. New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). **Akten des 34° Internationalen Amerikanistenkongresses**, p. 471-476, 1962.

HILBERT, Peter Paul. Untersuchungen in einem archäologischen Niemandsland: Mittlerer Amazonas. **Die Umschau in Wissenschaft und Technik**, n. 9, p. 276-279, 1964.

HILBERT, Peter Paul. **Archäologische Untersuchungen am Mittleren Amazonas**. Beiträge zur Vorgeschichte des Südamerikanischen Tieflandes. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968. (Marburger Studien zur Völkerkunde, n. 1).

HILBERT, Peter Paul. Archäologie am Amazonasstrom. **Alma Mater Philippina**, p. 16-19, 1977.

HILBERT, Peter Paul. Forschungen in der Amazonas-Region zwischen Anden und Atlantik. **Kleine Schriften aus dem Vorgeschichtlichen Seminar**, n. 2, 1977.

HILBERT, Peter Paul. Testgrabungen im Bereich des Xochitecatl. Vorläufiger Bericht über prähistorisches Scherbenmaterial, 1978. In: SPRANZ, Bodo; DUMOND, Don E.; HILBERT, Peter Paul (Orgs.). **Die Pyramiden von Cerro Xochitecatl, Tlaxcala (Mexico)**. Mexiko-Projekt der Deutschen Forschungsgemeinschaft. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1978. p. 1-214.

HILBERT, Peter Paul. Die Keramikünstler vom Amazonas. In: PORTNER, Rudolf; DAVIS, Nigel (Orgs.). **Alte Kulturen de Neuen Welt: Neue Erkenntnisse de Archäologie**. Düsseldorf: Econ-Verlag, 1980. p. 315-335.

HILBERT, Peter Paul. Pottery from the Cumana River, Brazil and its Affiliations with the Koriabó Phase of Guyana. **Journal of the Walter Roth Museum of Archaeology and Anthropology**, v. 2, n. 5, p. 74-81, 1982.

HILBERT, Peter Paul. Archäologie in Amazonien. In: NIEMEYER, H. G. (Org.). **Archäologie in Amerika**. Salzburg: Andreas & Andreas, 1986. p. 3123-3142. (Die großen Abenteuer der Archäologie, n. 8).

HILBERT, Peter Paul. Eine Rassel der Marajoara-Phase, Insel Marajó, Amazonasmündung. **Baessler-Archiv**, n. 36, p. 261-269, 1989.

HILBERT, Peter Paul. Die "formative Periode" in der Forschung der Amazonas-Archäologie. Zwölf Jahre als archäologe im Amazonasgebiet, 1940-1961. In: HARTMANN, G. (Org.). **Amazonien im Umbruch: Symposium über aktuelle Probleme und deutsche Forschungen im grössten Regenwaldgebiet der Erde**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1989. p. 27-42.

Literatura arqueológica com Klaus Hilbert

HILBERT, Peter Paul; HILBERT, Klaus. Archäologische Untersuchungen am Rio Nhamundá, Unterer Amazonas. **Beiträge zur Allgemeinen und Vergleichenden Archäologie**, v. 1, p. 439-450, 1979.

HILBERT, Peter Paul; HILBERT, Klaus. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos Rio Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, n. 75, p. 1-11, 1980.

Ficção

HILBERT, Peter Paul. **Der Fluß ohne Ende. Erzählungen**. Potsdam: Ludwig Voggenreiter Verlag, 1938.

HILBERT, Peter Paul. **Jan aus dem Busch**. Berlin: Wiking, 1943.

HILBERT, Peter Paul. **Zoo im ersten Stock**. Stuttgart: Herold Verlag, 1964.

HILBERT, Peter Paul. **Der Diamantenpfad**. Stuttgart: Herold Verlag, 1965.

HILBERT, Peter Paul. **Sohn der Wassermutter**. Güterloh: Bertelsmann, 1965.

HILBERT, Peter Paul; HILBERT, Klaus. **Um rio para o El Dorado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

REFERÊNCIAS

BARATA, Frederico. **A arte oleira dos Tapajó**. I. Considerações sobre a cerâmica de dois tipos de vasos característicos. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1950. (Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, n. 2).

BARRETO, Mauro Vianna. História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, n. 8, p. 203-294, 1992.

MEGGERS, Betty. An experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In: LOTHROP, Samuel K. (Org.). **Essays in pre-columbian art and archaeology**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1961. p. 372-388.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, n. 167, p. 1-664, 1957.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense "Emílio Goeldi"**, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Belém, PA, 1961.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense "Emílio Goeldi"**, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Belém, PA, 1960.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense "Emílio Goeldi"**, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Belém, PA, 1959.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense “Emílio Goeldi”, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.** Belém, PA, 1958.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense “Emílio Goeldi”, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.** Belém, PA, 1957.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense “Emílio Goeldi”, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.** Belém, PA, 1956.

MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi. **Relatório anual da Divisão de Antropologia do Museu Paraense “Emílio Goeldi”, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.** Belém, PA, 1955.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os Tapajó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 10, p. 93-106, 1949.

PALMATARY, Helen C. Tapajó pottery. **Ethnological Studies**, n. 8, p. 1-136, 1939.

Recebido: 22/12/2008

Aprovado: 20/02/2009